


NO LUGAR DO CONDE DE AZAMBUJA E O LUGAR ROLIM DE MOURA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8011425090511>

Data de aceite: 26/08/2025

Adriane Pesovento

Nelbi Alves da Cruz

RESUMO: O presente artigo visa problematizar a história recente do município de Rolim de Moura ao discorrer sobre elementos contemporâneos que o compõem, bem como sua toponímia e estabelecer diálogos com o passado, em especial, no meados do século XVIII, período ao qual fundou-se a Capitania de Mato Grosso, e, que teve como responsabilidade para tal feito o fidalgo português, que foi enviado à colônia ultramarina na América, com o objetivo de fundar a capital Vila Bela da Santíssima Trindade, também denominado Antônio Rolim de Moura. O feixe argumentativo adotado toma como pressuposto a rejeição ou tentativas de controle dos povos indígenas e os usos da espacialidade da Amazônia rondoniense que são diferentes no decorrer dos séculos, ao passo que guardam similaridade no que diz respeito às dificuldades e interesses políticos quanto ao fenômeno em que o “beija-mão”, ou subalternidades frente as ditas autoridades portuguesas,

ou locais atuais ainda se fazem notar. A metodologia empreendida corresponde a análise de fontes documentais, tais como As correspondências de Rolim de Moura, compiladas pelo Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso, os Anais de Vila Bela da Santíssima Trindade, bem como fontes sobre a atualidade local em portais de notícias publicadas nas mídias digitais disponíveis na Rede Mundial de Computadores (INTERNET) atuais. Adotou-se ainda por viés autoral, obras que versam sobre a história e historiografia mato-grossense, entre as quais Canavarros (2004), Galetti (2012), Rémond (2003) e Bosi (1992), considerando que eles como fundamento teórico contribuíram para a abordagem a História Social e Política.

PALAVRAS-CHAVE: História; Dom Antônio Rolim de Moura; Município de Rolim de Moura.

IN THE PLACE OF THE COUNT OF AZAMBUJA AND THE PLACE OF ROLIM DE MOURA

ABSTRACT: This article aims to problematize the recent history of the municipality of Rolim de Moura by discussing

contemporary elements that compose it, as well as its toponymy and by establishing dialogues with the past, especially the mid-18th century, the period in which the Captaincy was founded. of Mato Grosso and who was responsible for this feat by the Portuguese nobleman who was sent to the overseas colony in America with the aim of founding the capital Vila Bela da Santíssima Trindade, also called Antônio Rolim de Moura. The adopted argumentative framework takes as its presupposition the rejection or attempts to control indigenous peoples and the uses of the spatiality of the Rondônia Amazon, which are different over the centuries, while maintaining similarities with regard to the difficulties and political interests regarding the phenomenon in question. that the “beija-mão” or subalternities towards the so-called current Portuguese or local authorities are still noticeable. The methodology undertaken corresponds to the analysis of documentary sources, such as Rolim de Moura’s correspondence, compiled by the Regional Documentation and Historical Information Center of the Federal University of Mato Grosso, the Annals of Vila Bela da Santíssima Trindade, as well as sources on current affairs location on news portals published in digital media available on the current World Wide Web (INTERNET). An authorial bias was adopted, works that deal with the history and historiography of Mato Grosso, including CANAVARROS (2004), GALETTI (2012), RÉMOND (2003) and BOSI (1992) and as a theoretical foundation contributed to the approach to Social and Political History.

KEYWORDS: History; Dom Antônio Rolim de Moura; Municipality of Rolim de Moura.

INTRODUÇÃO

Uma canção alegre e dançante em ritmo de rasqueado¹ anuncia que toda cidade tem seus tipos e que sem eles ela vive cheia de ninguém. Se pensarmos o presente é possível verificarmos “tipos populares” no município de Rolim de Moura, atual estado de Rondônia. Pessoas que “enchem o lugar”. Em sua maioria migrantes oriundos de diversas partes do país ou descendentes destes. Alguns foram “cacaieiros” termo alcunhado para se referir a pessoas que caminhavam dezenas de quilômetros em meio as picadas feitas à mão com facões, sendo que o propósito era conseguir a tão sonhada terra para o cultivo, carregavam consigo objetos para o trabalho, amontoados em uma espécie de saco de estopa às suas costas, nas mentes e corações carregavam os sonhos de uma vida melhor, ao tempo em que fugiam das mazelas da pobreza no Sul, Sudeste e mesmo Nordeste do país, ocupavam-se como meeiros, arrendatários, pequenos agricultores, “boias frias” ou ainda trabalhadores urbanos desempregados.

A emancipação do município se deu no dia 05 de agosto de 1983. Hoje, pessoas se auto intitulam “pioneiros” e evocam para si um lugar de destaque na memória política e social do lugar. Existem tentativas de forjar o hétero-referenciamento, por meio da história oficial construída, distribuída e também de certo modo recepcionada. Há na cidade, “pioneiros” que são tidos como os “verdadeiros” pioneiros, heróis que são forjados por

1 O rasqueado configura-se em estilo musical que ensaia passos dançantes oriundos da fusão cultural paraguaia e luso-brasileira que tem origem em meados ao final do século XIX. O trecho da canção acima é de autoria de um compositor regional denominado “Pescuma”.

narrativas que visam enaltecer grupos privilegiados economicamente na política local. A hipótese aqui apresentada é de que nesse espectro o município de Rolim de Moura se encontra com o ilustrado Dom Antônio Rolim de Moura, Capitão General que fundou a Capitania de Mato Grosso, membro da nobreza lusitana, mas também é uma história que se refaz. A reflexão que aqui se inaugura corresponde a um estudo sobre os diálogos ou a falta deles produzidos em uma cidade da Amazônia Rondoniense, na espacialidade compreendida como Zona da Mata no final dos anos dois mil e vinte e três e sua origem toponímica que remonta a um fidalgo português Dom Antônio Rolim de Moura, o primeiro governador da Capitania de Mato Grosso no século XVIII e que anos após se tornou o 10º Vice-rei do Brasil por dois anos em Salvador, capital da Colônia portuguesa na América.

Num primeiro momento teceremos considerações a partir de investigações sobre a cidade atual, problematizando sua constituição, levando em conta sua organização social, política e religiosa, que, notadamente não dialoga com seu nome no que concerne a sua configuração contemporânea, mas que de alguma maneira carrega elementos próprios aos desígnios de nomear lugares, quase sempre enaltecendo pessoas que cumpriram papéis de mando, autoridades políticas, militares e até ditadores, com o fito de produzir sentidos e lugares sociais às pessoas consideradas de prestígio, nestes quase sempre as pessoas comuns e de poucos recursos ou aquelas que resistem de alguma forma não são homenageadas, em sua maioria os pobres, mulheres ou grupos étnicos são pouco lembrados ou figurados como nomes de lugares. Rondônia não é tão diferente, desde o nome atribuído ao estado até uma cidade local com a denominação mais trágica entre todas: Presidente Médici².

Na sequência apresentaremos brevemente a figura de Dom Antônio Rolim de Moura, o Conde de Azambuja, tendo como fonte registros documentais as cartas redigidas no século XVIII, que compõe parte do acervo intitulado “Correspondências, fontes organizadas e tratadas pelo Núcleo de Documentação Histórica – NDHIR”, vinculado a Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

Tais registros foram produzidos em meados do século XVIII, momento em que Dom Antônio Rolim de Moura se tornou governador da recém-inaugurada Capitania de Mato Grosso e empenhou-se em organizar e fomentar a criação de Vila Bela da Santíssima Trindade, então sua primeira capital. Um dos enfoques extraído da correspondência foi a temática indígena, tendo em vista que tal espacialidade pertencia aos povos indígenas. Obsta lembrar que na configuração geopolítica do período colonial tais territorialidades eram vistas como domínio luso, ainda que os Tratados existentes até então dissessem o contrário, pois estavam “legalmente” sob o controle da Coroa Espanhola.

2 O presidente Medici governou o Brasil à época da Ditadura Militar e foi um dos períodos mais sombrios da história do país em que vigorou o Ato Adicional número 05 que promoveu perseguições, torturas e todo tipo de arbitrariedade contra o próprio povo, em especial, aos que se opunham de alguma maneira ao Regime. Hoje, sem a história ser depurada uma cidade do norte, no caso Rondônia, leva seu nome.

Com o fito de estabelecer pontes entre o presente-passado, pretende-se demonstrar elementos em comum e aqueles que destoam entre o papel de um Governador, especialmente no que concerne aos povos indígenas e naquilo que na atualidade compõe uma pequena cidade do interior que está a cada dia voltando-se mais para os interesses externos que, pouco ou nada levam em conta questões ambientais e os maiores professores sobre o assunto: os povos indígenas, assim como esteve Dom Antônio Rolim de Moura preocupado com os interesses de Portugal no século XVIII ao observar e noticiar sobre os povos indígenas. Desse modo, há ao menos um elemento comum: a exploração dos recursos e pessoas para atender interesses que não são objetivamente daqueles que eram ancestrais habitantes do lugar ou que na cidade de Rolim de Moura vivem.

NOMEAR E PRODUIR SENTIDOS: DO PRESENTE AO PASSADO

Em meio a uma festa agropecuária³ afixa-se comemoração ao aniversário do Município de Rolim de Moura, estado de Rondônia. O tempo de existência da cidade é de apenas quatro décadas, curta duração se pensarmos em outros processos históricos, porém longos anos se levarmos em conta as vidas, histórias pessoais e experiências de trabalho daqueles que vivem na cidade.

A Cidade de Rolim de Moura

Esta cidade rondoniense é relativamente jovem, um Decreto-Lei 071-1983 sancionou a criação do município, que antes da data já recebia migrantes ciosos por terras e lotes⁴, movidos pela quimera de “uma terra prometida”, terra que tudo dá ou ainda um certo Eldorado. O governador Jorge Teixeira, aliado dos militares que controlavam o país, foi o responsável pelo ato oficial. A nomeação da cidade é oriunda da denominação intitulada pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, antes mesmo da emancipação do lugar, com a implementação do Projeto Integrado de Colonização Gy-Paraná (PIC Gy-Paraná).

Assim como em outras cidades surgidas no decorrer dos séculos, Rolim de Moura tem em seu bojo a toponímia que valoriza personalidades consideradas “heróis”, ainda que de fato em nada o lembrem, todavia, homenagear um Governador do século XVIII pode nos dizer algo sobre intenções militares da mentalidade militar no século XX? A geografia e a história nos têm ensinado que sim,

3 As festas agropecuárias no estado de Rondônia de modo geral são comemorações voltadas ao agronegócio que movimentam a economia local, impulsionam o pensamento pouco reflexivo sobre a importância do tido AGRO para vida das pessoas. E soam sinos de que o AGRO (expressão usada localmente) é que sustenta o país. Pessoas de baixa ou pouca renda são levadas e se identificam com tais premissas, vestindo, calçando e cobrindo a cabeça com adornos e roupas dessa cultura. Se endividam no comércio local para aparentar ou se sentir pertencente a cultura dos grandes produtores de gado e/ou soja.

4 A expressão lote é utilizada para designar uma porção de terra seja urbana ou rural, e, no caso rural, são áreas com 21 ou 42 alqueires de Rondônia.

No caso da cidade de Rolim de Moura, temos um antropônimo o que significa um topônimo que remete aos nomes próprios, no caso em tela não aparece nem o nome completo, tampouco os títulos nobiliárquicos que possuía o político do período colonial, a saber: Dom Antônio Rolim de Moura, Conde de Azambuja. O nome e o sobrenome principais foram mantidos, entretanto a expressão “Dom” foi subtraída, observemos que ela descreve no campo histórico uma indicação de pertencimento a um título de nobreza ou ainda honorífico.

Ao incluir, subtrair, reescrever ou “renovar” um nome há em curso um exercício de nomear de modo a aproximar aqueles que farão uso da expressão, logo, inserir todo o nome e indicadores de pertencimento de um grupo social e econômico privilegiado pouco aproximaria a população local, entretanto, ainda que não, o marcador que é alguém que foi nobre e com patente militar por vezes anunciado. O não dito: Dom Antônio Rolim de Moura, Conde de Azambuja é ao mesmo tempo evidenciado e escondido. Isso posto, denota intenções ao passo que se tornam pouco compreendidas, todavia, apropriadas em parte o que enseja certa confusão. A identificação e a construção de pertencimento ao lugar tornam-se até certo ponto estranhas. Temos então algo que está presente e ao mesmo tempo não está, o fenômeno com sentidos captados ou atribuídos ao nome do lugar, transitam entre o reforço quanto a importância de alguns sujeitos, como os heróis inventados, personalidades importantes que se distanciam das pessoas comuns e assim são os “únicos” com lugares na história e de um passado anunciado como “honroso e glorioso”. Sem saber quem foi Rolim de Moura, o sabem por meio dos sinais que são cotidianamente emitidos sobre lugares de poder.

Ao longo de mais de duas décadas foram realizadas consultas informais para essa pesquisa entre estudantes do ensino superior e comunidade local de forma aleatória, uma pergunta simples era a principal: Quem foi Rolim de Moura? Um grande percentual de pessoas consultadas e que residem na cidade não souberam dizer. A outra parte respondeu que foi um governador. Entre os últimos, poucos puderam dar detalhes acerca do nome e por quais razões a cidade detém essa denominação.

A cidade de Rolim de Moura tem um traçado urbano semelhante a tantas outras, duas avenidas que se encontram na parte mais central da cidade em uma rotatória. Uma chama-se Avenida 25 de Agosto e a outra Avenida Norte Sul que evoca uma ideia de trajeto paralelo levando aos extremos de qualquer lugar, a primeira detém a maioria do comércio local, a segunda também possui estabelecimentos dessa natureza, mas em menor quantidade.

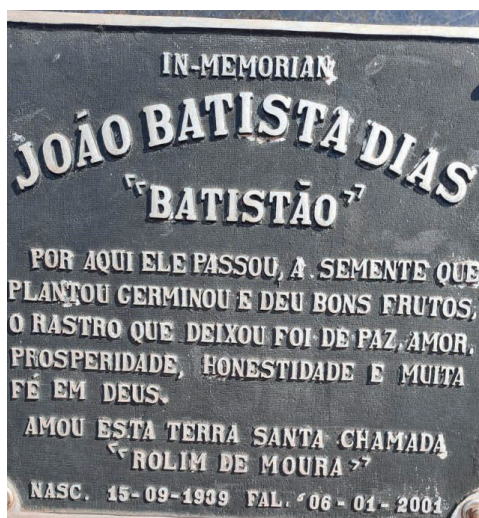
Na rotatória há uma réplica de um político local, ao que tudo indica pensou-se fazer uma estátua e colocá-la em lugar de grande visibilidade, para que os cidadãos possam “apreciar” o representado. Ao longo dos anos que ela se encontra na rotatória, muitas interpretações acerca da mesma têm ocorrido, uma das razões é que poucos leem a legenda ou espécie de lápide que se encontra logo abaixo da obra, nela constam informações sobre o representado. Outra possibilidade bem comum evidenciada pelo estudo é o fato das pessoas simplesmente associarem o monumento a Rolim de Moura dando por encerrada

a questão. De modo geral, muitos acreditam que o político da escultura é o próprio Rolim de Moura. Abaixo imagens da representação do Sr. Batistão, que foi vice-prefeito na gestão de Valdir Raupp, e, na sequência, prefeito, era um dos expoentes dos desígnios da elite econômica local e não há muitas fontes verossímeis que justifiquem a presença da escultura no espaço mais centralizado da cidade, entretanto, costumeiramente o Sr. Batistão é confundido com o Rolim de Moura e disso podemos rir um pouco.



Fotografia 1 – Representação do Sr. Batistão

Fonte: Pesovento. Rolim de Moura – RO. 06/08/2023.



Fotografia 2 – Imagem da lápide fixada aos pés da representação do Sr. Batistão

Fonte: Pesovento. Rolim de Moura = RO. 06/08/2023.

Uma placa explicativa ou uma lápide, tanto uma designação quanto outra pode ser utilizada. O que chama atenção é o teor do texto que dialôga em muitos sentidos com a contemporaneidade da cidade, mas também com seu passado, que deseja levar a crer quem a produziu e instalou em tal espacialidade desejou fazer crer que o Sr. Batistão foi um expoente de muitas virtudes, entre as quais: paz, amor, prosperidade, honestidade, nomeando a cidade de Rolim de Moura como “Terra Santa”. Tomamos emprestadas tais palavras para problematizar os temas cravados na lápide em interface com elementos e situações políticas e sociais próprias a cidade de Rolim de Moura – RO, algumas delas noticiadas em veículos de comunicação nacional e local. Iniciemos com a palavra semear. A literatura é vasta sobre a associação entre plantar, semear e trabalho, funde-se de tal modo que quase chegam a ser sinônimos, está na poesia, na filosofia, na crença religiosa, na literatura, na arte e também nos ditos, saberes, provérbios populares, além é claro, nas ocupações diárias das pessoas, logo, remete ao trabalho.

O trabalho

No espaço urbano do município de Rolim de Moura o trabalho é desenvolvido basicamente no comércio local, nos afazeres informais e nos frigoríficos que apesar de distanciarem-se poucos quilômetros da cidade, empregam em sua maioria trabalhadores citadinos na atualidade. Os salários em raríssimas exceções excedem um salário mínimo, não há muitas opções e sequer vislumbra-se ações quanto a superação das formas de exploração. As condições de trabalho nos frigoríficos são degradantes, há enorme exploração de todas as maneiras que se possa imaginar. Vejamos o que informa Oliveira Paula (2018), que trabalhou por muitos anos em tal espaço e realizou pesquisa acerca do assunto e vivenciou de dentro toda situação de precariedade experimentada pelos trabalhadores:

Com a falta de emprego na cidade as pessoas são empurradas ao frigorífico, para trabalhar e conseguir seu sustento, trabalho este que muitas das vezes tem uma remuneração não muito diferente do salário comercial que é pago pelo comércio que gira em torno de 1.150,00 reais, no geral, mas o trabalho no Frigorífico não é fácil, é pesado, frio e corrido [...] podemos afirmar que apesar das adversidades próprias ao modelo instituído pelos frigoríficos muitos sobrevivem ao trabalho, pois observamos na sociedade rolimourense muitas pessoas com doenças relacionadas ao trabalho em frigoríficos, pois há uma rotatividade de trabalhadores nestas empresas Minerva Foods e Mfb Marfrig. Quando se contrai uma doença relativa ao trabalho, muitas das vezes o trabalhador é enviado ao Instituto Nacional de Previdência Social (INSS), por estar incapacitado ao trabalho, a partir daí a vida do trabalhador tende a piorar, pois, na maioria das vezes fica por meses sem receber salário, pois o processo para receber o auxílio doença do INSS é demorado e burocrático. (PAULA, 2018, p. 14 – 15).

No que diz respeito ao trabalho dos camponeses, ele tem rarificado a cada dia por razões diversas, entre as quais a monocultura do café irrigado, que rende muito lucro a quem vende insumos e pouco aos produtores, outra razão é a ascendência da criação de gado de corte do tipo Nelore para abastecer os frigoríficos, que em boa parte escoam a carne para o mercado externo, na medida que a produção aumenta, diminuem as plantações de culturas plurais e alimentos, fortalecendo o modelo agroexportador em vigência no país há séculos. Tudo isso encarece os produtos nas redes de supermercados, pois a cada item adquirido estão os consumidores a pagar além dos lucros e impostos, o frete. Rondônia, e, especialmente Rolim de Moura são lugares distantes do eixo Sul e Sudeste. Assim, entre salários baixos e mercadorias com preços alvitosos a qualidade de vida da maioria das pessoas é comprometida o que leva muitos tendo sequer segurança alimentar.

PAZ

Inscrita na lápide a palavra paz é bonita, no que tange a realidade local, distoa profundamente. O município registra recorrentemente casos de assassinatos que não são solucionados e que sequer as motivações são anunciadas. Muitos assemelham-se a acerto de contas de dívidas com traficantes, diga-se de passagem a cidade de Rolim de Moura fica no que é chamado de “entrocamento”, ou seja, ela tem conexões com várias outras cidades menores ainda, a distância até a Bolívia é relativamente pequena, o estado de Rondônia faz fronteira via pluvial com o país. É provável que Rolim de Moura seja um centro distribuidor e corredor do tráfico local e internacional. O assunto de certa maneira é tabu na cidade, tendo em vista eventuais desdobramentos ao se tocar no tema.

Ainda sobre a paz ou sua antítese, destacam-se os casos de violência contra mulher e feminicídio, as duas situações distribuídas entre todos os bairros, não se excluindo o Centro da cidade. No ano de 2021, o estado foi notícia nacional ao ficar em segundo lugar no país em casos de feminicídio. Cumpre notar que o estado de Rondônia é um dos que mais assassina lideranças camponesas em litígios que brotam a todo momento entre grileiros⁵ e trabalhadores do campo, o estado nesse quesito mantém-se omissa e ausente. Apesar da citação abaixo referir-se a Rondônia como um todo é indicativa de um processo que margeia também o município de Rolim de Moura, tendo em vista a concentração fundiária e o estrangulamento dos pequenos proprietários que aos poucos se vêem forçados a deixar o campo, vejamos o que diz o estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2023, p.17):

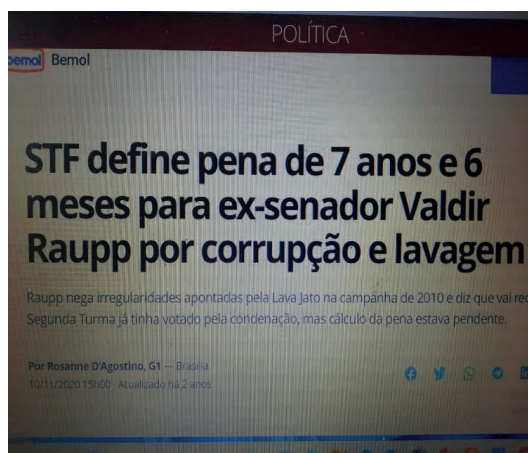
5 Pessoas de muitos recursos que invadem terras da União, Reservas Florestais ou Terras Indígenas, seja para exploração de madeira, mineração ilegal ou derrubada da floresta para plantar pasto. Mantém os domínios das terras até conseguirem documentar e legalizar a posse ainda que fora da legalidade, mas valendo-se de processos judiciais nos quais os de poucos recursos praticamente não tem acesso à justiça.

A falta de regularização fundiária e a não destinação de áreas públicas em Rondônia levou o estado a diversos conflitos desde a sua colonização até os dias atuais. Dentre vários desses conflitos, um ficou marcado na história do estado, o massacre de Corumbiara. No dia 14 de julho de 1995, 540 famílias de camponeses e trabalhadores rurais sem-terra ocuparam 150 hectares dos 20.000 hectares da chamada Fazenda Santa Elina, um latifúndio com posse em terras públicas. Na madrugada do dia 09 de agosto, 194 policiais, inclusive 46 da Companhia de Operações Especiais (COE), e outro tanto de jagunços fortemente armados, cercaram o acampamento e o massacre começou. A ação resultou no assassinato de 11 camponeses (destes uma criança de 7 anos) e 53 feridos, além da morte de 2 policiais e uma pessoa não identificada. O Massacre de Corumbiara é um dos 440 conflitos por terra que ocorreram no Brasil em 1995, sendo que 15 destes ocorreram em Rondônia.

O relatório preliminar do IPEA é um importante estudo sobre várias dimensões da realidade atual que se mostra no estado, indica inclusive as fragilidades a serem superadas.

Honestidade

No quesito honestidade, para não alongar as discussões, pode-se demonstrar alguns casos de políticos locais que foram condenados ou estão respondendo processos por corrupção. Oriundos ou com base eleitoral no município temos Ivo Cassol e Valdir Raulp, ambos são rivais “em tese”, mas unem-se no quesito condenação por crimes relacionados a formas de corrupção. Ambos foram prefeitos da cidade, governadores e senadores da república e exercem ainda nos dias atuais influência sobre políticos de baixo calão, arrastando eleitores para lá ou para cá. Nos últimos anos tem perdido espaço após a onda bolsonarista que atinge o estado de Rondônia. Entretanto, o beija-mão contemporâneo segue seu fluxo e é comum vê-los em momentos comemorativos sendo abordados ou abordando pessoas com risos gentis. Abaixo uma fonte indiciária do fenômeno na região.



Print – 1 **Notícia publicada acerca de condenação do Senador Valdir Raupp**

Fonte: Pesoverto. Fotografia da página do Portal de notícias G1. 10/11/2020. Rolim de Moura, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/stf-condena-ex-senador-valdir-raupp-a-7-anos-e-6-meses-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml>. Acesso em 07/08/2023.



Print - 2. **Notícia publicada acerca de condenação do Senador Ivo Cassol**

Fonte: Pesovento. Fotografia da página do Portal Carta Capital publicada em 08/08/2023. Rolim de Moura (RO), 2023. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/senador-ivo-cassol-e-condenado-pelo-stf-6991/>. Acesso em 07/08/2023.

Prosperidade

A palavra está em alta, não apenas em Rondônia, mas no país em geral. Em Rolim de Moura, ganha relevo pois é associada a elementos religiosos. De acordo com os resultados do censo de 2010 o estado possui em torno de 742 mil pessoas católicas e 528 mil evangélicos (IBGE, 2010). Em muitas denominações locais ser próspero significa que Deus está na vida e guiando a pessoa. Os tipos populares na cidade são em sua maioria de origem protestante, oram na rotatória onde fica o monumento do Batistão, os cultos também alargam-se para além dos templos religiosos e chegam às praças, feira livre ou eventos em geral.

Há uma moda quase que específica e um código de conduta relacionado a comportamentos sociais puritanos. Poupar ainda que com o pouco que se ganha significa uma retidão para que a prosperidade abasteça a vida das pessoas. A prosperidade aqui ganha contornos próprios e quase sempre fundidos com elementos religiosos, toda forma de expressão da fé que não coadune com a lógica acima mencionada é de certa forma perseguida. Um exemplo foi o Terreiro da Vovó Cambina que tinha como liderança D. Maria, Mãe de Santo umbandista, já falecida, contava que com certa frequência era xingada e hostilizada na rua devido à sua orientação religiosa.

Amor

Em Rolim de Moura há muito amor, amor entre as pessoas e familiares, algo inegável, todavia, uma forma de amor é latente, aquele que se manifesta em casamentos precoces. Jovens de 18, 19 e 20 anos já se casam. Não é incomum encontrá-los em todos os lugares. Influenciados pelas denominações religiosas que de certa maneira tentam controlar a sexualidade dos jovens, muitos acabam se casando cedo, se tornando pais e assumindo responsabilidades variadas como consequência desse amor.

Aqui não coube analisar a vida, trajetória ou veracidade do que está atribuído ao Sr. Batistão, longe disso, nos ocupamos em refletir sobre como elementos constitutivos de uma composição narrativa acerca de um personagem podem estender-se aos seus signos e de maneira contrária na realidade da vida de muitas pessoas que habitam a cidade produzir interpretações.

Ciclos economico-exploratórios contemporâneos

Cabe notar que os fluxos migratórios mais intensos ocorreram no período da ditadura militar no Brasil. Havia em curso uma construção discursiva de que o lugar era “espaço vazio”, longe da realidade que se apresentava nas territorialidades locais, pois sabe-se que diversos grupos étnicos indígenas viviam nas terras da Zona da Mata. Para alimentar a fome, o sonho, a ilusão e a esperança, lançaram-se campanhas publicitárias com o propósito de promover as migrações.

A utilização de propagandas de alto custo⁶ pelo governo na década de 1970 ocasionou na Amazônia rondoniense uma dinâmica populacional peculiar, em que, o crescimento populacional se deu de forma intensa, passando de aproximadamente 70 mil habitantes em 1970 para cerca de 500.000 habitantes em 1980, um crescimento expressivo de mais de 700% em apenas uma década (PERDIGÃO E BASSEGIO, 1992). Ainda, segundo estes autores, os migrantes foram facilmente atraídos para subsidiar o desenvolvimento capitalista em Rondônia enquanto mão de obra para “amansar” a terra, por estar em condições de vulnerabilidade socioeconômica em decorrência do alto índice de desemprego no Sul, Nordeste e Sudeste do país.

O município de Rolim de Moura passou por diversos ciclos econômicos desde a sua emancipação no ano de 1983. Todos eles estavam assentados no mesmo arcabouço que ainda se faz notar no presente, ou seja, a exploração dos recursos naturais extremada, inclusive apoiada pelos governos federais dos últimos quarenta anos. O processo é semelhante ao que ocorre no norte do estado de Mato Grosso e parte do Mato Grosso do Sul.

⁶ A partir da década de 1970, o governo militar investiu altos valores em propaganda para atrair imigrantes da região nordeste para Rondônia, isto com intuito de amenizar as situações conflituosas que efervescia no nordeste, suscitadas pelas camadas mais pobres da sociedade que exigiam uma reforma agrária, pois muitos camponeses estavam em busca de terras para produzir e a configuração rural deste Estado caminhava na direção contrária a tal exigência, rumo a formação de latifúndios em virtude do contexto histórico em que o país vivencia, de modernização da agricultura.

Para vencer “o sertão”, torna-se necessário explorá-lo, então o inventado paradoxo natureza x cultura novamente aparece, naquilo que margeia o imaginário local, nomeado ou confundido muitas vezes pela expressão “progresso” que em nada ou pouca coisa diz sobre qualidade de vida. A grande historiadora Lylia da Silva Guedes Galetti, em sua tese de doutoramento debruçou-se sobre o tema ao inventariar os usos e de certa maneira os abusos quanto a expressão “sertão”, vejamos um fragmento ao se referir a Mato Grosso, mas que pode ser alargado até Rondônia e outras espacialidades no que tange a ideia de progresso:

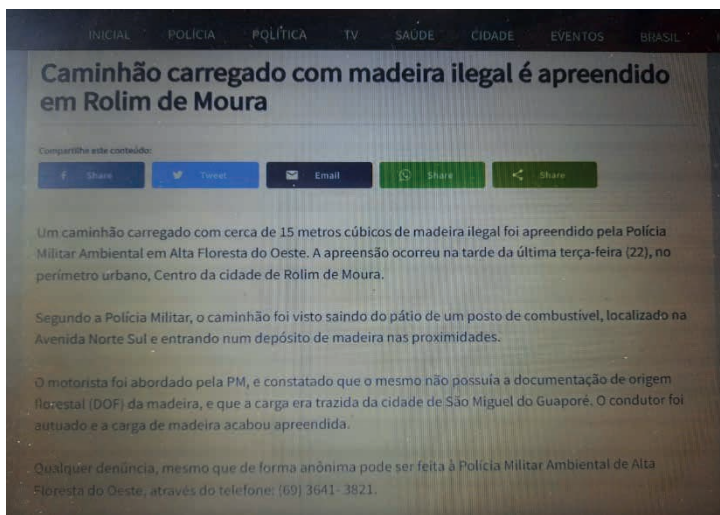
Civilização e nação fornecem o quadro mais amplo no qual é possível compreender as representações, o imaginário sobre Mato Grosso, porque nelas ganham sentido ideias que dividem o mundo entre bárbaros e civilizados, atrasados e modernos, superior e inferior, na escala evolutiva da humanidade. Essas duas palavras, junto com progresso, estão no centro da cena política cultural da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX, em quase todo o mundo. Cena em que se movimentam os homens e as pouquíssimas mulheres envolvidas com a tarefa de pensar o mundo, a sociedade e a natureza, a ciência e a técnica, o passado e o futuro da humanidade. Em condições e com o privilégio de registrar suas ideias para a posteridade. E o fazem usando de forma recorrente, repetitiva, quase abusiva, as ideias de nação, civilização, progresso, evolução, ciência. Cena também marcada pela expansão do ideário liberal burguês, momento do seu apogeu, quando tais ideias se concretizam em distintas realidades, mundo afora. (GALETTI, 2012, p. 25).

O primeiro ciclo após o início da colonização nos anos de 1970 na constituição discursiva seria a agricultura familiar, de fato centenas de famílias migraram com esse propósito, entretanto a grande maioria não conseguiu terra e nem sequer foi capaz de manter-se nela, devido aos elementos políticos (falta de acesso ao conhecimento acerca da produção em terras amazônicas que possuem dinâmica própria agricultável), incentivos, formação, estrutura básica e logística para escoamento da produção. Entretanto, essas famílias serviram a um propósito maior que era ocupar terras em grande medida pertencentes a povos originários e também “limpar” a floresta, ou seja, desmatar em grande escala com o incentivo e fomento do próprio governo. A floresta era vista como empecilho ao “desenvolvimento”.

Pessoas de vários lugares do país, em sua maioria migrantes imbuídos e motivados por sonhos de um novo Eldorado ou Terra Prometida colocaram abaixo boa parte de um ecossistema, tudo isso estimulados pela política do governo federal que transitava do Regime Militar a um governo cívico ainda fragilizado e devedor de favores e préstimo aos primeiros. Cumpre notar que as terras mais férteis não foram “distribuídas” entre os mais pobres, longe disso, ficaram nas mãos de pessoas de posses que detinham os meios para conhecer a viabilidade do rendimento agricultável.

O segundo momento que se dá quase que simultaneamente e vinculado ao primeiro é aquele dedicado a extração de madeira, logo no início dos anos de 1980 já estava em

curso. Milhões de metros cúbicos foram extraídos, serrarias e madeireiras foram instaladas na cidade. Pessoas que migravam e não tinham terras ou trabalho urbano passaram a laborar nessas empresas. Os registros imagéticos que evocam a glória quanto ao tamanho das árvores extraídas são disseminados. Carretas lotadas trafegavam pela cidade e ainda o fazem. A fiscalização nos anos 80 era exígua e na atualidade deixa a desejar, volta e meia são realizadas fiscalizações que não cobrem a realidade no que tange a quantidade de metros cúbicos extraídos. Abaixo um pequeno exemplo:



Print 2 - Notícia sobre apreensão de madeira em Rolim de Moura – RO

Fonte: Pesovento. Fotografia do Portal Sintonia de Rondônia. Rolim de Moura (RO), S/d. Disponível em: <https://sintoniaderondonia.com.br/Publicacao.aspx?id=23353&alternativo=F&paginacaoAtualListagemProdutos=392>

Assim como em outras territorialidades amazônicas, Rondônia e a cidade de Rolim de Moura vivem processos semelhantes de (re) ocupação⁷ das terras, desmatamento para “limpar” áreas agricultáveis, seja por meio mecanizado ou pelo uso do fogo, exploração da madeira, transformação das terras em pasto para a criação de gado de corte, e, conseqüentemente “expulsão” velada paulatinamente dos camponeses, após esses processos instala-se a monocultura da soja para exportação.

Sobre a formação de pasto e criação de gado, cumpre destacar que enquanto a população do estado passa pouco da quantidade de um milhão e meio, o quantitativo de gado bovino chega a seis milhões. Na cidade de Rolim de Moura essa realidade também se faz notar, vejamos:

⁷ A expressão é utilizada tendo em vista que milhares de grupos étnicos indígenas ocupam e ocuparam ancestralmente as territorialidades amazônicas, fazendo usos sustentáveis e em relações de reciprocidade entre cultura, natureza, cosmologia, organização do espaço, sistemas de parentesco e distribuição dos bens materiais, entre outros. No caso do estado em tela há que se mencionar a existência de XX grupos étnicos que no passado resistiram e seguem na luta pela valorização e respeito pelos seus modos de viver e ser frente ao avanço e cerco sobre suas terras e culturas.

A pecuária constitui em Rolim de Moura a atividade rural predominante⁸. Apesar de transparecer uma grande expansão gradativa desta atividade nos últimos anos, dados da Agência de Vigilância Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (IDARON), demonstram modestas variações no efetivo de Bovinos neste município entre os anos de 2007 e 2014, apresentando um aumento considerável no ano de 2015, onde o efetivo de bovinos alcançou neste município sua maior marca num intervalo de 10 anos, chegou a notáveis 247.957 cabeças de bovinos, o que representa um aumento de aproximadamente 4,9% em relação ao ano de 2014. (JORGE, 2016, p. 22).

Se por um lado há expressivo rebanho que é significativamente superior a população local, junto a ele espalham-se casas para a venda de produtos relacionados a esse segmento, assim é reforçada a ocupação pelo trabalho nos frigoríficos locais com rotatividade constante da mão de obra devido aos baixos salários, níveis de exigência altíssimos, doenças e acidentes laborais recorrentes. Outra dimensão pouco estudada ou detalhada que não é possível aprofundar nesse estudo diz respeito aos danos ambientais que tais estabelecimentos provocam ao bioma, pouca ou nenhuma reparação existe, pelo contrário, ao estabelecerem-se nas cidades rondonienses os frigoríficos são presenteados com isenções fiscais robustas como se ao instalarem-se fossem presentes ao lugar, divulgados aos quatro cantos como expoentes do tão desejado e incompreendido progresso.

Se tem o gado também tem o frigorífico, todavia, o produto: a carne, quase não passa pelas mãos e estômagos dos habitantes locais, são processadas em sua maioria para o mercado externo. Aos poucos as propriedades rurais de pequeno porte, chácaras e sítios, vão sendo esmagados pela pecuária, forçados a venderem suas terras, muitos camponeses migram para a cidade, lugar que não reúne condições para recebê-los, que por razões alheias, cumpre as intenções desenvolvimentistas traçadas a partir da década de 1960, expansão de grandes propriedades rurais.

É importante salientar que nesse processo de esvaziamento do campo, a educação cumpre um papel fundamental, algo que vem ocorrendo desde a segunda década do século XX com mais intensidade, a princípio o processo de nucleação das escolas, que em outras palavras significa fechar unidades escolares vinculadas as comunidades e transportar estudantes de diversas séries/anos para as Escolas Polo, na sequência ocorre um estrangulamento maior, pois os estudantes são transportados para as escolas da cidade e passavam a adotar pouco a pouco o modo citadino de viver. Cada escola que fecha é uma comunidade que vai se esfacelando. Obviamente isso não é anunciado, na medida que compõe um projeto maior de transformar a terra em mercadoria e/ou máquina. Ao passo que a concentração fundiária se expressa, as pequenas propriedades vão desaparecendo. Vejamos:

⁸ O termo predominante neste caso não se refere a questão de ser maior contribuinte econômica para o município, mas sim por ser uma atividade desenvolvida praticamente em quase totalidade das propriedades rurais de Rolim de Moura

A concentração de terra nas mãos de poucos proprietários foi o fator que mais modificou o gráfico das propriedades rurais cadastradas no IDARON em Rolim de Moura entre os anos de 2005 e 2015. Nesse período, mais propriedades rurais passaram a ser utilizadas para a criação de bovinos, e simultâneo a este fato mas como parte do mesmo processo, a quantidade de proprietários rurais com cadastro no IDARON diminuiu, o que sugere a expansão das propriedades rurais com a anexação de umas às outras sob o domínio de um mesmo proprietário [...] (JORGE, 2016, p. 13).

Outro processo em curso é o do agronegócio voltado para a monocultura da soja, este cultivo tem se espalhado por todo o país, no Sudeste a parte das “Gerais” de Minas está tomada pela leguminosa, o sul já conhece esse negócio desde o final dos anos de 1970, o sul do Pará passa por processo semelhante ao do estado de Rondônia, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso também. A soja espalha-se pelos quatro cantos do país. Não seria muito diferente em Rolim de Moura. Após o extermínio da cobertura vegetal originária dos biomas acima mencionados, aos poucos na última década vem ocupando espaços que outrora foram florestas exuberantes, pequenas propriedades de agricultura familiar e que na atualidade transformam-se em desertos verdes.

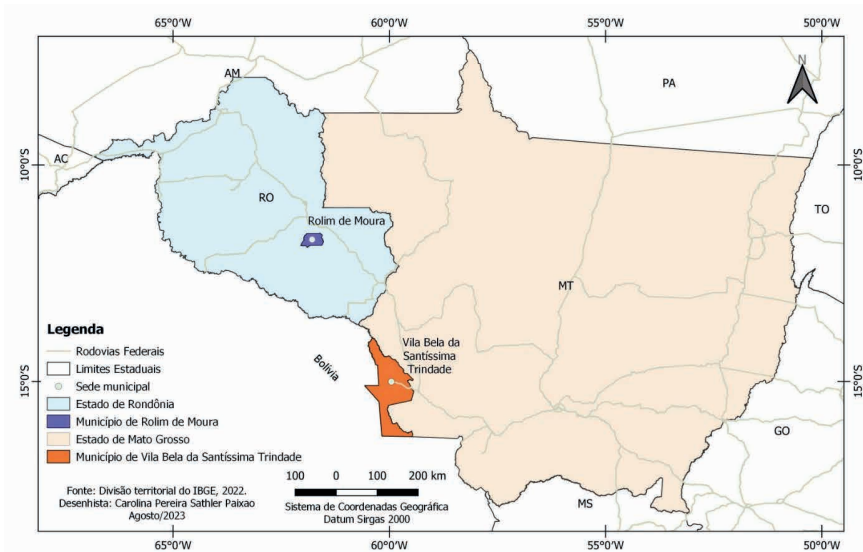
É possível viajar milhares de quilômetros e não encontrar nada além de uns dez trabalhadores. Quase todos operando máquinas que despejam sementes compradas de grandes corporações, adubos e agrotóxicos também das mãos de empresas que dominam tal mercado. Os maquinários são também parte constituinte desse arsenal. Em sua grande maioria importados de maneira legalizada ou não.

O deserto verde (soja) produz, no geral para a exportação, não querem a terra e sim a água. Gera pouco emprego, contamina o solo e os mananciais, mas se vende da seguinte maneira: O agro é pop. O agro sustenta o país. O agro alimenta pessoas. Na contramão basta nos perguntarmos, quais os alimentos consumidos que são oriundos da soja? Para responder a essa questão não é necessário muito estudo, basta olhar as mesas com refeições postas a população em geral.

O Beija-mão atual é diferente daquele utilizado no século XVIII e seguido no Brasil Império. É uma reinvenção que toma como referência o que já houve, ou seja, beija-se a mão do agronegócio diluído em suas diversas vertentes pelas mãos de empresários locais e internacionais: Beija a mão do capital que é para poucos, beija-se a mão do empresário que aparenta fazer negócios, mas que na prática extrai ao extremo as riquezas amazônicas. Beija-se a mão do político que possui seus currais locais, beija-se a mão das denominações religiosas com narrativas de conquistas e prosperidade. Beija-se a mão do modo mais perverso por meio da troca de favores, negociatas, corrupção e ainda, infelizmente o “jeitinho brasileiro” em que se figura os interesses dos grandes em detrimento do povo em geral. Voltemo-nos a outro beija mão, àquele do Conde e fidalgo português Dom Antônio Rolim de Moura, para isso recuemos no tempo, naquilo que une o presente e o passado: Interesses externos em oposição aos anseios e necessidades locais.

Expressões do poder metropolitano na Capitania de Mato Grosso: Dom Antônio Rolim de Moura – Conde de Azambuja

A distância entre a cidade colonial de Vila Bela da Santíssima Trindade até a cidade de Rolim de Moura não é tão grande (aproximadamente 640 quilômetros), se considerarmos a geografia quase continental do Brasil atual. A primeira está localizada no estado de Mato Grosso e a segunda no estado de Rondônia, conforme o mapa abaixo:



Mapa 1 – Representação da localização da cidade de Rolim de Moura – RO e Vila Bela da Santíssima Trindade - MT

Fonte: Cartografia construída por PAIXÃO, Carolina Pereira Sathler. Indicação dos municípios de Vila Bela da Santíssima Trindade – MT e Rolim de Moura – RO. Rolim de Moura, 08/08/2023.

No século XVIII “o Cuiabá” e o “Mato Grosso” como eram chamados nos registros oficiais estavam vinculados a Capitania de São Paulo, somente quando os interesses metropolitanos se voltaram para a parte mais central da América do Sul, que Mato Grosso, passou a ser palco de disputas geopolíticas. Por ordem da rainha D. Maria I foi fundada a primeira capital Vila Bela da Santíssima Trindade e não Cuiabá, que já era um pouco colonizada, Vila Bela foi instalada nas franjas da fronteira com o domínio espanhol, tendo como baliza geográfica física o rio Guaporé.

Na oportunidade ordenou a soberana que lá fosse erigida a cidade, houve para isso um arcabouço orientador, tanto a respeito da arquitetura, a disposição das ruas e um modo específico para o ordenamento urbano que levava em conta a perspectiva urbana luso. Inclusive a própria cartografia foi enviada por Portugal. O que demonstra o interesse na região, bem como anseio em ampliar o domínio pela posse de terras que eram de

acordo com o Tratado de Tordesilhas pertencentes a coroa espanhola. No mesmo período estavam em curso diversas tratativas com o propósito de ajustar os territórios, tanto no Sul da colônia, quando no que é hoje Centro Oeste e o Norte para alinhar tratados. Anos depois entrou em vigor o Tratado de Madrid, datado de 1750, ele dispunha sobre a divisão física de partes da América Portuguesa e América Espanhola, por meio do Vice-Reino do Peru.

No mesmo período havia preocupações com eventuais minas de ouro que viessem a ser descobertas e que deveriam passar pelo controle do fisco português, ao mesmo tempo em que demarcava o território, havia esforços para proteger os interesses lusos de eventuais avanços espanhóis. Assim, ficou definido que a capitania de São Paulo seria dividida em três partes:

[...] uma delas se transformaria na Capitania Geral de Mato Grosso, situada no mesopotâmico espaço Paraná-Madeira, confinante à províncias do Vice-Reino do Peru. A segunda parte caberia a capitania da Goiás. A terceira compreendendo os territórios das Comarcas de São Paulo e Paranaguá passaria a se subordinar ao Governo do Rio de Janeiro. (CANAVARROS, 2004, p. 314-315).

A rainha de forma metódica fez recomendações por meio das “Instruções” detalhadas, dividida em 32 capítulos, entendia ela que Mato Grosso era a chave do propugnáculo do sertão do Brasil. Havia em suas recomendações ordens expressas de colonização, promovendo o aldeamento⁹ de indígenas e incentivando a miscigenação, e, assim, adotou-se aos poucos a estratégia de ocupar e colonizar. Não bastava ocupar, isso de certo modo a Coroa já havia conquistado desde as primeiras Bandeiras dos anos 20 de 1700.

Colonizar significava fixar pessoas, em sua maioria pessoas que já residiam de forma ancestral a espacialidade: os povos indígenas. Ou, resumia também a intenção de não “perde-los” para as Missões espanholas que estavam fixadas na margem espanhola do Rio Guaporé. Entre o contraditório da realidade, ou seja, os indígenas já eram os reais “donos” das terras, havia uma obsessão pelo controle deles, de acordo com Bosi (1992, p.13), colonizar não significa apenas movimentar pessoas a determinado lugar, vejamos:

A ação expressa neste colo, no chamado sistema verbal do presente, denota sempre alguma coisa de incompleto e transitivo. É o movimento que passa, ou passava, de um agente para um objeto. Colo é a matriz de colônia enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar e sujeitar.

9 A palavra Aldeamento foi amplamente utilizada nos séculos XVIII e XIX pelas autoridades da Capitania e Província de Mato Grosso. Significava uma espécie de “ajuntamento” de indígenas de etnias diversas em uma única espacialidade, não se considerava as características étnicas próprias a cada grupo ou sequer a territorialidade, a princípio aproximavam-se pela oferta de “brindes” ou pela imposição da força e do medo, assim tentavam a todo custo transformar os indígenas em aliados, trabalhadores e até mesmo escravizados, além é claro de fiéis a fê católica que era difundida. Não há relação entre aldeia e aldeamento, a primeira ainda que não consiga expressar a forma de organização comunitária dos grupos étnicos, de certa maneira lembra tal forma comunitária de viver, já a segunda é expoente da organização violenta implantada para atender interesses coloniais.

Em suma, se já havia pessoas era necessário reunir esforços para transformar os diversos grupos étnicos em súditos da Coroa portuguesa e também se possível fiéis católicos, ainda que em meados do século XVIII já houvesse certa rusga entre a política ilustrada que ganhava relevo em Portugal e a ascensão de grupos com aspirações burguesas como é o caso do Marquês de Pombal, que procurou dinamizar a economia, e, entre um dos desdobramentos, encontra-se a expulsão dos jesuítas na América portuguesa, que ao seu modo faziam frente aos interesses metropolitanos ao acumular terras, produzir bens, comercializar tudo por meio dos braços indígenas. Colonizar não dependia apenas de trabalhadores que migrassem, mas, sobretudo, o estabelecimento do controle dos povos indígenas locais.

Dom Antonio Rolim de Moura tentou a todo custo ser fiel aos designios portugueses no que tange a fundação da primeira capital de Mato Grosso Vila Bela da Santíssima Trindade, bem como observar e agir em prol dos processos de formação de aldeamentos ou missões¹⁰. Em suas narrativas por meio das cartas, ora mostra-se preocupado com os indígenas, ora tende a orientar para que os referidos se tornem súditos da Coroa.

Nos Anais de Vila Bela da Santíssima Trindade, por exemplo, o que se observa são as tensões entre portugueses e espanhóis na fronteira do Rio Guaporé. Os registros apresentam a chegada de indígenas em Vila Bela ou as fugas, as atividades que desenvolviam a interesse da colônia, como os trabalhos de remeiros, trilheiros, trabalhadores com a cana de açúcar, intérpretes ou soldados, as fontes pouco ou não mencionam sobre o pertencimento étnico ou características culturais dos indígenas, interessava-se apenas quando esses estavam a serviço dos interesses coloniais.

O fidalgo português que detinha patente militar, pois era um Capitão General e tornou-se o primeiro governador esteve durante sua administração voltada apenas a fazer valer as ordens da Coroa, os indígenas poderiam ser vistos como aliados ou inimigos, a depender da circunstância. Então, cumpre notar que nomear uma cidade que emergiu no século XX homenageando um Capitão General que apenas seguiu ordens portuguesas, uma cidade distante geograficamente e também quanto ao conhecimento sobre quem foi Rolim de Moura pode ser, esta é a hipótese do estudo, uma tentativa de um governo militar de enaltecer uma figura também militar, ainda que isso não ecoe ou seja compreendido de imediato por aqueles que na cidade vivem. Resta a eles muitas vezes ao tentar encontrar significados e origens olhar a representação do Sr. Batistão e imaginar que é Rolim de Moura, e, que talvez tenha sido alguém muito importante, ao passo que há um distanciamento dos habitantes quanto ao próprio protagonismo histórico local.

¹⁰ Na documentação consultada, em alguns momentos aparece a expressão Aldeamento que significava reunir indígenas de etnias diversas sob o comando de religiosos, fazendeiro, agricultor ou outro. Já o termo Missões está relacionado às Missões Jesuíticas que em Mato Grosso não foram instaladas, as referidas dizem respeito, grosso modo, a reunião de indígenas de matrizes étnicas também plurais, entretanto, sob o domínio de Padres da ordem dos Jesuítas. Nas fontes as duas expressões são usadas como sinônimos apesar dos estudos revelarem que são organizações que guardam alguma semelhança, mas sobretudo diferenças fundamentais quanto aos propósitos de cada uma.

CONSIDERAÇÕES

Ao estudar a região norte e, em especial, o estado de Rondônia, muitos elementos se fundem, e, na atualidade a questão ambiental tem sido fundamental, há em curso um processo quase que de desertificação em face das culturas da soja, do café irrigado e do gado, sem mencionar a extração de madeira de modo ilegal. Contar a história local sem destacar esses elementos é quase uma heresia, pois a população está a sentir e vivenciar tais realidades. As migrações, as construções toponímicas, o passado mais “distante” e as vidas dialogam com tais elementos.

Impossível não se reportar a eles. Não há ingenuidade nos processos, o que existe e está em curso um modelo, não nasceu recentemente, tem séculos, entretanto, está a caminhar a passos largos. Nossa história precisa também ser contada na perspectiva ambiental, considerando que esse presente-passado, que a todos envolve, pode-se recuperar possibilidades de compreensão e mudança social. O Dom Antônio Rolim de Moura, dialoga com a cidade de Rolim de Moura pois o que os une ao que tudo indica é o enaltecimento militar e a exploração ontem dos indígenas, hoje também e ainda, a ambiental.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília- DF: IBGE, 2010.

CANAVARROS, Otávio. **O poder metropolitano em Cuiabá (1727 – 1752)**. Cuiabá (MT): EdUFMT, 2004.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA – IPEA. **Dinâmicas da Violência Relatório Rondônia. Relatório Institucional**. Brasília (DF), 2023. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11985/1/RI_Dinam_Violencia_RO_Pub_Preliminar.pdf. Acesso em: 01-10-2023.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Sertão, fronteira, Brasil**: Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização. Cuiabá (MT): Entrelinhas, 2012.

JORGE, Fábio Alves. **Em terra de boi o homem não tem vez**. Monografia. Departamento de História. Universidade Federal de Rondônia - UNIR Rolim de Moura – RO. 2016.

OLIVEIRA DE PAULA, Claudinei. **Entre a saúde e as doenças adquiridas: um estudo com trabalhadores do ramo frigorífico**. Monografia. Universidade Federal de Rondônia –UNIR Rolim de Moura – RO. 2018.

PERDIGÃO, Francinete; BASSEGIO, Luiz. **Migrantes Amazônicos – Rondônia**: A trajetória da ilusão. Edições Loyola – São Paulo, 1992.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. 7ª reimp. São Paulo: Ed. FGV, 2003.

SILVA, Ana Carolina Santos; FIALHO, Edson Soares; TRECE, Rafael Stocco. A importância do estudo toponímico no ensino de geografia. **Ponto de Vista**. v. 7. N. 1. p.p. 58 – 66. Viçosa (MG), 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/issue/view/348>. Acesso em: 01-09-2023.